

Narrativas entrelaçadas e dignidade restaurada: uma leitura simbólico-teológica de Mc 5,21–43 à luz do protagonismo feminino

Intertwined narratives and restored dignity: a symbolic-theological reading of Mc 5,21–43 in light of female protagonism

José Ancelmo Santos Dantas¹

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura de Mc 5,21–43 a partir da análise narrativa, com interlocução teológica, focalizando as personagens centrais — Jairo, a mulher que sofre fluxo de sangue e Jesus — e suas configurações de conflito, ação e transformação. A perícopes é abordada segundo a estrutura em “sanduíche”, evidenciando entrelaçamentos e paralelismos entre as duas histórias. Parte-se da hipótese de que o narrador orienta o leitor a perceber que, apesar de diferentes posições sociais, tanto Jairo quanto a mulher têm suas súplicas atendidas por Jesus. A metodologia adotada segue os pressupostos da crítica narrativa, com ênfase nas perspectivas das personagens e do narrador, em diálogo com autores como Tolmie, Brown, Keener e Champlin, além de fontes patrísticas. A investigação indica que, no desenvolvimento narrativo, a fé emerge em situações de sofrimento, e que a ação de Jesus — segundo a leitura teológica cristã — acolhe, cura e contribui para a restauração da dignidade. Em termos hermenêuticos, e conforme a tradição cristã, esse encontro pode ser interpretado como capaz de ressignificar existências afetadas pela exclusão e pelo sofrimento.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos; Mulher hemorroíssa; Filha de Jairo; Dignidade; Teologia bíblica.

ABSTRACT

This article proposes a reading of Mc 5:21–43 based on narrative analysis, with theological dialogue, focusing on the central characters — Jairus, the woman who suffers the flow of blood and Jesus — and their configurations of conflict, action and transformation. The pericope is approached according to a “sandwich” structure, highlighting intertwinings and parallels between the two stories. It is assumed that the narrator guides the reader to realize that, despite different social positions, both Jairus and the woman have their prayers answered by Jesus. The methodology adopted follows the assumptions of narrative criticism, with an emphasis on the perspectives of the characters and the narrator, in dialogue with authors such as Tolmie, Brown, Keener and Champlin, in addition to patristic sources. The investigation indicates that, in the narrative development, faith emerges in situations of suffering, and that Jesus' action — according to the Christian theological reading — welcomes, heals and contributes to the restoration of dignity. In hermeneutic terms, and in accordance with Christian tradition, this encounter can be interpreted as capable of giving new meaning to existences affected by exclusion and suffering.

Keywords: Gospel of Mark. Hemorrhoid woman. Daughter of Jairus. Dignity. Biblical theology.

¹ Doutorando e Mestre em Teologia na PUC-SP/Brasil, e membro do Grupo de Pesquisa TIAT- Tradução e Interpretação do Antigo Testamento. Diretor curso de Teologia do Instituto Superior de Filosofia e Ciências Religiosas “São Boaventura”, entidade Eclesiástica da Diocese de Santo Amaro. E-mail: ancelmo_dantas@outlook.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7693-5764>.

Introdução

Dentro da tradição marciana, percebe-se que ao longo de seu caminho, Jesus de Nazaré deixou saudades, permitindo-se encontrar com as classes menos favorecidas de sua época: as “crianças (παιδίον)” (Mc 10,13-16); o “surdo-gago (κωφός μολγιάλος)” (Mc 7,31-37); o “homem com espírito impuro (ἄνθρωπος ἐν πνεύματι ἀκαθάρτῳ)” (Mc 5,1-19); o “leproso (λεπρός)” (Mc 1,40-45) e o “homem da mão seca (ἄνθρωπος ἔχων τὴν χεῖρα ἐξηραμμένην)” (Mc 3,1-6), entre outros. Ao chamar os “primeiros discípulos” —, “pescadores (ἁλιεύς)” (Mc 1,16-20) —, sentou-se com os “pecadores (ἁμαρτωλός)” (Mc 2,15-17) e instituiu os “doze (δώδεκα)” (Mc 3,14).

Mais ainda, de acordo com a tradição marciana, no caminho de Jesus ninguém pode ficar para trás. Nele, as “mulheres” também são lembradas e ocupam um “lugar” “robusto”². Por dezessete vezes aparece o vocábulo “mulher (γυνή)” (Mc 5,25.33; 6,17.18; 7,25.26; 10,2.7.11; 12,19^(2x).20.22.23^(2x); 14,3; 15,40), exercendo o papel de quem precisa receber de Jesus: acolhida, ternura e atenção. Quem foram estas mulheres?

Ora, o texto marciano lembra a “mulher possuidora de um fluxo de sangue” (Mc 5,25.33); ora apresenta Herodíades, esposa de Filipe, irmão de Herodes (Mc 6,17-18), cujo papel narrativo remete à figura da influência e do poder persuasivo, sendo associada, na composição literária, a uma imagem que evoca fascínio e manipulação. Esquecida não foi outra “mulher”, de origem grega. Trata-se da “mulher siro-fenícia” (Mc 7,25-26), diante de quem Jesus encontrou muita fé. Tematicamente, ainda são lembradas na pena marciana, a “mulher do divórcio” (Mc 10,2.7.11; 12,19^(2x)), bem como a “mulher” que, em vida, viveu a “lei do levirato” e agora encontra-se na eternidade (Mc 12,20.22.23^(2x)).

Além disso, Marcos descreve acerca da “mulher” que, vendo Jesus “reclinado a mesa na casa de Simão, o leproso”, aproxima-se, e, com um “frasco de alabastro com perfume³ de nardo puro e muito caro, derrama sobre a cabeça dele” (Mc 14,3), destacando-se como símbolo de quem, em Jesus, o amor mais puro. Amor pelo qual vale a pena entregar tudo — e, por ele, apostar a própria vida! Por fim, no momento crucial da vida de Jesus de Nazaré, perto dele e olhando-o, estavam as mulheres “Maria Madalena, Maria, Mãe de Tiago Menor e de Joset, e Salomé, que o serviam quando ele estava na Galileia, e muitas outras, que tinham subido com ele a Jerusalém” (Mc 15,40-41). De observadoras, tornaram-se seguidoras, e portanto, discípulas. Além dessas mulheres, em vista do presente estudo, há também uma “menina-mulher”. Trata-se da “filhinha de Jairo” (Mc 5,23), chefe da Sinagoga, possuidor do saber e do poder, mas que, ao ver Jesus, inclina-se a ponto de cair aos seus pés, lançando-lhe uma súplica: “impõe as mãos para que ela se salve e viva” (Mc 5,23).

Quer dizer, essas atitudes de Jesus de Nazaré deram início a uma verdadeira revolução. Geograficamente, iniciou-se no Jordão da Judeia (Mc 1,9), com o batismo presidido por João. Em seguida, dirigiu-se novamente à “Galileia”, de onde descera e onde começara a pregar o “Reino de Deus” (Mc 1,14-16). Ao que parece, somente os “fariseus” e os “membros” do “partido” de “Herodes”, cujo fermento, no ver de Jesus, estava

² Entre as mulheres, há diversas chamadas pelo nome de Maria. Sobre essa temática, ver: DANTAS, J. A. S.; LEITE, Pedro I. **As Marias do quarto evangelho**: o discipulado vivido no silêncio e ação! Caderno Teológico, Curitiba: PUCPRESS, v. 6, n. 1, jan./jun. 2024.

³ Há um estudo sobre perfumes e aromas na época de Jesus, no qual os autores buscam articular história e teologia bíblica. Cf.: GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca. Perfumes e aromas na Bíblia: uma abordagem teológica e histórico-cultural. **Paralellus**, Recife: UNICAP, v. 13, n. 26, jul./dez. 2022, p. 103-116. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1123>. Acesso em: 01/05/25.

apodrecido, ficaram para trás (Mc 8,14-20). Estes não aceitaram nem a palavra de Jesus, nem o seu agir. Diferentemente deu-se com a “menina-mulher” e a “mulher-hemorroísa” (Mc 5,21-43), episódio bíblico sobre o qual o presente estudo se debruçará.

1. Apresentação da narrativa

Para melhor compreensão do texto bíblico de Mc 5,21-43, segue uma apresentação do mesmo, já sistematizado na língua portuguesa, cuja tradução semelhante pode ser encontrada em *Evangelhos e Atos dos Apóstolos* (Evangelhos, 2011, p. 86). No decorrer da análise, tanto palavras quanto gestos serão apresentados nas duas línguas: aquela em que o texto foi originalmente escrito — o grego — e o português, favorecendo ao interlocutor um maior vislumbre frente à literatura narratológica. Escutemo-lo!

Tabela 1: Mc 5,21-43 – Tradução livre com base na obra *Evangelhos e Atos dos Apóstolos*, com pequenas adaptações linguísticas para fins expositivos

Versículo	Texto grego	Tradução (português)
Mc 5,21	Όταν ο Ιησούς πέρασε πάλι με βάρκα στην άλλη όχθη, ένα μεγάλο πλήθος συγκεντρώθηκε γύρω του, που ήταν δίπλα στη θάλασσα.	Quando Jesus atravessou de novo de barco para a outra margem, reuniu-se junto a ele uma grande multidão que estava junto ao mar.
Mc 5,22	Τότε ήρθε ένας από τους αρχηγούς της συναγωγής, ονόματι Ιάϊρος, και όταν είδε τον Ιησού, έπεσε στα πόδια του και	Então veio um dos chefes da sinagoga, chamado Jairo; e, ao ver Jesus, caiu a seus pés e...
Mc 5,23	Την παρακάλεσε πολύ λέγοντας: η μικρή μου κόρη είναι στα τελευταία της πόδια. Έλα, βάλε τα χέρια σου πάνω της, για να σωθεί και να ζήσει!	Suplicou-lhe insistentemente: “Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva e viva!”
Mc 5,24	Ο Ιησούς πήγε μαζί του. Ένα μεγάλο πλήθος τον ακολούθησε και τον πίεσε.	Jesus foi com ele. Uma grande multidão o seguia e o apertava.
Mc 5,25	Τώρα μια γυναίκα είχε πρόβλημα αίματος για δώδεκα χρόνια.	Ora, certa mulher sofria de um fluxo de sangue há doze anos.
Mc 5,26	Είχε υποφέρει πολλά από τα χέρια πολλών γιατρών, ξοδεύοντας ό,τι είχε χωρίς αποτέλεσμα. αλλά, αντίθετα, γίνεται όλο και χειρότερο.	Ela havia sofrido muito nas mãos de muitos médicos, gastando tudo o que possuía sem proveito, mas, ao contrário, piorando cada vez mais.
Mc 5,27	Όταν άκουσε για τον Ιησού, πέρασε μέσα από το πλήθος και άγγιξε τον μανδύα του από πίσω.	Ao ouvir falar de Jesus, veio pelo meio da multidão e, por trás, tocou o seu manto.
Mc 5,28	Μάλιστα είπε: «Αν αγγίξω και τα ρούχα σου, θα σωθώ».	Pois dizia: “Se eu apenas tocar nas suas vestes, serei curada.”
Mc 5,29	Και αμέσως η ροή του αίματος της στέγνωσε, και κατάλαβε στο σώμα της ότι θεραπεύτηκε από την ασθένεια.	E imediatamente secou-se o fluxo do seu sangue; ela percebeu no corpo que fora curada da enfermidade.
Mc 5,30	Και αμέσως, όταν ο Ιησούς κατάλαβε μόνος του τη δύναμη που είχε βγει από μέσα του, γύρισε ανάμεσα στο πλήθος και είπε: ποιος άγγιξε τα ρούχα μου;	E imediatamente Jesus, tendo percebido que havia saído poder dele, voltou-se no meio da multidão e perguntou: “Quem tocou nas minhas vestes?”
Mc 5,31	Και οι μαθητές του του είπαν: βλέπεις το πλήθος που σε πιέζει και λέει: ποιος με άγγιξε;	E os seus discípulos lhe disseram: “Vês que a multidão te aperta, e dizes: ‘Quem me tocou?’ ”
Mc 5,32	Και κοίταξε γύρω του για να δει αυτόν που το είχε κάνει αυτό.	E ele olhou ao redor para ver quem havia feito aquilo.

Mc 5,33	Τότε η γυναίκα φοβούμενη και τρέμοντας, ξέροντας τι της είχε συμβεί, ήρθε και ρίχτηκε μπροστά του και του είπε όλη την αλήθεια.	A mulher, temendo e tremendo, sabendo o que lhe acontecera, veio e prostrou-se diante dele e contou-lhe toda a verdade.
Mc 5,34	Τότε της είπε: κόρη μου, η πίστη σου σε έσωσε. Πήγαινε με ειρήνη και να είσαι υγιής, χωρίς την αρρώστια σου.	Então ele lhe disse: “Minha filha, a tua fé te salvou. Vai em paz e fica saudável, sem a tua moléstia.”
Mc 5,35	Ενώ ακόμα μιλούσε, ήρθαν κάποιοι από το σπίτι του αρχηγού της συναγωγής, λέγοντας: Η κόρη σου πέθανε. Γιατί εξακολουθείς να ενοχλείς τον Δάσκαλο;	Enquanto ele ainda falava, chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, dizendo: “Tua filha morreu; por que ainda incomodas o Mestre?”
Mc 5,36	Ο Ιησούς όμως, χωρίς να δώσει σημασία σε όσα ειπώθηκαν, είπε στον αρχηγό της συναγωγής: Μη φοβάσαι! Απλά πιστέψτε!	Jesus, porém, sem dar atenção ao que fora dito, disse ao chefe da sinagoga: “Não temas; apenas crê.”
Mc 5,37	Και δεν επέτρεψε σε κανέναν να τον συνοδεύσει, εκτός από τον Πέτρο, τον Ιάκωβο και τον Ιωάννη, τον αδελφό του Ιακώβου.	E não permitiu que ninguém o acompanhasse, senão Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago.
Mc 5,38	Έφτασαν στο σπίτι του αρχηγού της συναγωγής και είδε ταραχή και κόσμο να κλαίει και να θρηνεί.	Chegaram à casa do chefe da sinagoga; ele viu tumulto e gente chorando e lamentando.
Mc 5,39	Και εισερχόμενος τους είπε: Γιατί ταραζέστε και κλαίτε; Το παιδί δεν έχει πεθάνει, αλλά κοιμάται.	E, entrando, disse-lhes: “Por que estais agitados e chorais? A criança não morreu, mas dorme.”
Mc 5,40	Και γέλασαν μαζί του. Εκείνος όμως τους έδιωξε όλους και πήρε μαζί του τον πατέρα και τη μητέρα του παιδιού και όσους ήταν μαζί του και μπήκε εκεί που ήταν το παιδί.	Eles riram dele. Mas ele os expulsou a todos e, tomando consigo o pai e a mãe da criança e os que estavam com ele, entrou onde estava a criança.
Mc 5,41	Και αγγίζοντας το χέρι του παιδιού, της είπε: Ταλίθα κουμ!, που μεταφράζεται: κορίτσι, σου λέω, σήκω!	E, tocando a mão da criança, disse-lhe: “Ταλίθα κουμ!” — que se traduz: “Menina, eu te digo: levanta-te!”
Mc 5,42	Και αμέσως το κορίτσι σηκώθηκε και περπάτησε. Ήταν, μάλιστα, δώδεκα ετών. Όλοι ήταν εντελώς εκτός εαυτού.	E imediatamente a menina levantou-se e andou; tinha, de fato, doze anos. Todos ficaram sobremaneira atônitos.
Mc 5,43	Τους διέταξε πολύ να μην το μάθει κανείς και είπε να της το δώσουν να το φάει.	Ordenou-lhes severamente que ninguém soubesse disso e disse que lhe dessem algo para comer.

Fonte: produzido pelo autor (2025)

A cena narratológica descreve, em princípio, acerca da “ressurreição”⁴ da “filhinha de Jairo” (v. 23), mas este episódio foi interrompido por outro fato: a “mulher com fluxo de

⁴ A tradição cristã atribui a Jesus de Nazaré três episódios de caráter milagroso nos quais se manifesta a temática da “ressurreição”. O primeiro é o relato da filha de Jairo (Mc 5,21–42), também narrado por Mateus (Mt 9,18–26) e Lucas (Lc 8,40–56), foco do presente estudo. Em seguida, encontra-se o episódio do filho da viúva de Naim (Lc 7,11–17), exclusivo do evangelho de Lucas. Por fim, a tradição joanina relata a ressurreição de Lázaro (Jo 11,1–44).

Do ponto de vista histórico-crítico, compreende-se que essas personagens, mesmo apresentadas como alcançadas pela ação vivificadora de Jesus, retornaram em algum momento ao estado natural da morte. Por isso, parte da literatura especializada prefere nomear esses eventos como “ressuscitamentos” e não propriamente “ressurreições” (McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1984, p. 723–725; BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. São Leopoldo: Editora Teológica, 2021, p. 373). Nesse sentido, a expressão “ressurreição” pode ser usada, desde que entendida como a restituição de alguém morto às condições desta vida presente — e não como a doação de uma vida definitiva e transformada.

sangue” (v. 25). Biblicamente, os estudiosos olham para este tipo de esquema literário, no qual duas narrativas se entrelaçam, e o intitula como “sanduíche” ou “tríptico”⁵.

Ao observar essas duas narrativas entrelaçadas, percebe-se que há muitos elementos em comum, todos convergindo para a ação taumatúrgica de Jesus voltada ao gênero feminino. A primeira personagem é apresentada como “filhinha” (v. 23), identificada também como “criança” (v. 39) e, por fim, chamada de “menina” (v. 41). A segunda é uma “mulher” (v. 25), cuja história interrompe, momentaneamente, a caminhada de Jesus até a casa de Jairo.

Além da ligação temática, ambas as narrativas compartilham um detalhe cronológico significativo: fazia doze anos que a mulher sofria com um fluxo de sangue (v. 25) e a menina, filha de Jairo, tinha exatamente doze anos de idade (v. 42).

Isso significa que, a ação taumatúrgica de Jesus visa a preservação da dignidade feminina. Entretanto, foi necessário um reconhecimento sincero, que adveio de uma súplica de fé: “um dos chefes da Sinagoga chamado Jairo, ao ver Jesus, caiu aos seus pés e suplicou-lhe” (v. 22). Sucessivamente, algo semelhante aconteceu com a mulher, que veio, atirou-se diante dele e lhe disse toda a verdade” (v. 33). Se de um lado são inominadas, de outro o contraste está entre a “riqueza” possuída pelo pai da menina e a “pobreza” que marcava a vida da mulher, haja vista, que já havia “gastado tudo o que possuía” (v. 26), interpretação também ressaltada em *Evangelhos e Atos dos Apóstolos* (Evangelhos, 2011, p. 86).

Literariamente, o texto se apresenta como fonte de sabedoria, ao preparar sua base simbólico-teológica. Inicialmente, a totalidade, no sentido de perfeição, encontra-se sempre junto ao nome de “Jesus (Ιησοῦς)”, descrito na narrativa por seis vezes (vv. 21.22.24.27.30.36) mais o predicamento a ele atribuído de “mestre (διδάσκαλος)” (v. 35). Já os vocábulos “filhinha (θυγάτριον)” e/ou “filha (θυγάτηρ)” (vv. 23.35), “mulher (γυνή)” (vv. 25.33) e “menina (κοράσιον)” (vv. 41.42) contam, cada qual, com duas presenças. Por fim, resta o vocábulo “criança (παιδίον)” cujos usos encontram-se nos vv. 39.40^(2x).41.

Seja observado ainda que em Mc 5,21-43 o leitor encontra um material literário amplo e rico. Trata-se de uma narrativa que, tematicamente, abre espaço para múltiplas interpretações. Por isso, o presente estudo não pretende esgotar o texto em sua totalidade. Partindo da cena narratológica, serão aqui destacadas cinco imagens centrais — a súplica de Jairo, a dor da mulher enferma, o toque de fé, a palavra de Jesus e a ressurreição da menina — que serão desenvolvidas em chave teológica, permitindo ao(à) leitor(a) crescer tanto no contato com a literatura marcial quanto com os demais Evangelhos. De fato, se as personagens muito têm a dizer nas perícopes, como no caso de Mc 5,21-43, também é verdade que imagens, gestos e a cena em seu conjunto ensinam. Afinal, sendo o texto

Já a ressurreição de Jesus é considerada, pela tradição cristã, um acontecimento singular, sem precedentes, descrito como superação das categorias espaço-temporais. O corpo ressuscitado é apresentado, em linguagem teológica, como “glorioso”: mantém continuidade com o humano, mas já não se encontra submetido às limitações da carne. Assim, embora os relatos da ressurreição possuam uma dimensão de ancoragem histórica, sua interpretação central é de caráter meta-histórico e escatológico, no qual a fé cristã confessa que Deus o fez “Senhor da vida”.

⁵ Para uma leitura pastoral e contextualizada do Evangelho segundo Marcos, ver: SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JUNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. Comentário bíblico latino-americano: Novo Testamento – Marcos. São Paulo: Editorial Fontes, 2013, p. 199. Sobre a perspectiva teológico-literária dos evangelistas, cf.: GUIJARRO OPORTO, Santiago. Los cuatro evangelios. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012, p. 236.

considerado inspirado pela tradição cristã, pode ser interpretado como favorecendo a formação de um povo bem “disposto para o Senhor” (Lc 1,17).

Enfim, este estudo não pretende constituir-se em um comentário bíblico. Antes, em diálogo com o texto, buscará colher reflexões tanto a partir da forma de certas palavras quanto do conteúdo que elas expressam.

2. O comportamento da multidão

Ao aproximar-se da tradição marciana, o interlocutor logo se impressiona com os instantes conexos e completos de sua literatura. Em Mc 4,1 é dito que Jesus começou a “ensinar” à beira do “mar” e que junto a si reuniu-se uma “grande multidão”. Em Mc 4,36 essa “grande multidão” é “despedida” quando ele, juntamente com seus discípulos, resolveu “atravessar” para a “outra margem”, com destino a “região dos gerasenos” (Mc 5,1), local onde realizou um “exorcismo” e não aceitou que o “homem”, outrora “possuído”, o seguisse como “discípulo” (Mc 5, 2-12.18-19). Agora, em Mc 5,21 é como se o evangelista retomasse o mesmo instante cronológico já descrito em Mc 4,1.36, a fim de dar vida à narrativa que se segue. Frise-se que, em todos esses instantes, sempre há a presença da multidão.

Na tradição marciana, o vocábulo “multidão (ὄχλος)” aparece trinta e oito vezes. Em algumas situações, a “multidão (ὄχλος)” possui uma proporção tamanha, a ponto de ser um obstáculo para a realização do trabalho pastoral de Jesus. Por sua causa, uma casa precisou ser “destelhada” (Mc 2,4). Mas, em diversos momentos, era a “multidão (ὄχλος)” que ia ao encontro de Jesus, quer estando “sentada junto a ele” (Mc 3,32; 8,6), quer “reunida” em torno dele (Mc 4,1; 9,25) ou mesmo “junto ao mar” (Mc 4,1). Como reação, ora ele a “ensinava” (Mc 2,13), na medida em que a “chamava para si” (Mc 7,14; 8,34) e a “observava” (Mc 12,41); ora dela, apressadamente, se “afastava” (Mc 7,17), permanecendo “longe” (Mc 7,33), quando a “despedia” (Mc 4,36; 6,45), e, até quando dela “fugia”, a fim de não ser por ela “apertado” (Mc 3,9). Porquanto, nunca perdera o leme de sua missão. Prova disso é que diversas vezes “ao ver a multidão (Mc 2,13) compadecia-se dela”, provando ser seu “pastor” e concebendo-a como “ovelhas” (Mc 6,34).

Se de um lado a multidão não desistia de Jesus, uma vez que o procurava, até quando ele se encontrava em casa, impedindo-lhe de “alimentar-se” (Mc 3,20), de outro Jesus sente “compaixão” da “multidão” que há “três dias”, estando com ele, nada tem para “comer” (Mc 8,2). Além disso, a tradição marciana também descreve acerca das “multidões (ὄχλοι)” (Mc 10,1), bem como de uma “grande multidão” (Mc 8,1; 9,14; 12,37), no sentido de “numerosa multidão” (Mc 10,46) ou, simplesmente, “toda a multidão” (Mc 9,15; 11,18).

De igual modo, lembrou-se ainda de “alguém da multidão” (Mc 9,17). Houve a chamada “multidão temida”, por parte das autoridades judaicas (Mc 11,32; 12,12), que neste caso, permitiram que Jesus saísse ileso do templo, bem como a “multidão incitada” pelos sumos sacerdotes (Mc 15,11), tornando-se, uma “multidão pedinte”, e, portanto, cúmplice (Mc 15,8) das autoridades tanto judaicas, quanto romanas. Tanto é que boa parte dela se compunha por “sumo sacerdotes”, “escribas” e “anciãos” (Mc 14,43) e a autoridade romana local, no caso, “Pilatos”, dispunha de meios e modos de satisfazer a “multidão” (Mc 15,15).

Tabela 2: Das trinta e oito presenças em todo o Evangelho de Marcos, cinco encontram-se no quinto capítulo. São elas:

v. 21	... reuniu-se uma grande multidão junto a ele ...
v. 24	... uma grande multidão o seguia e o apertava.

v. 27	... veio entre a multidão ...
v. 30	... no meio da multidão ...
v. 31	... vês a multidão ...

Fonte: produzido pelo autor (2025)

Em Mc 5, ao que parece, a tradição marciana insiste em descrever a presença da “multidão (ὄχλος)”, cujo movimento indica interesse por parte dela em relação a pessoa de Jesus. Observem que no v. 21 o interesse em reunir-se em torno de Jesus parte da multidão.

Mais ainda, também no mesmo verso, antes de descrever acerca da “multidão (ὄχλος)”, o evangelista sente necessidade de testamar como que em “punho próprio” o verbo “reunir-se (συνήχθη)”, donde deriva a palavra “sinagoga” (Soares; Correia Junior; Oliva, 2013, p. 198). Ora, é como se o povo que antes preferia a sinagoga, a fim de se encontrar para escutar a Palavra e louvar o nome Sagrado, preferisse agora o nome e a pessoa de Jesus. No v. 24 a “multidão (ὄχλος)” segue a Jesus.

De certo modo, trata-se de uma novidade, uma vez que aponta para o comportamento de quem decide viver o discipulado. E será do meio dela, isto é, da “multidão (ὄχλος)”, que sairá uma mulher necessitada de cura (v. 27). Além disso, em meio a “multidão”, e não fora dela, é que também provirá a “percepção curativa”⁶, cuja fonte emana do olhar taumaturgo de Jesus (v. 30). Entretanto, os discípulos de Jesus em v. 31 utilizarão a massa sufocante da “multidão” como meio de justificar a pobreza humana, no quesito enxergar o outro, a partir de dentro.

Enfim, se de um lado, em Mc 5,21-43 o quadro narrativo descreve o comportamento da multidão que ocorre sempre a modo crescente, de outro deve-se compreender junto ao texto que as reações mais esperadas, providas da pessoa de Jesus, se efetivarão sobre um ser pessoal e não sobre a multidão. Do meio da multidão emergirá tanto a figura rica e sofisticada de “Jairo” (v. 22), quanto a debilidade e a fragilidade da pobre “mulher” (v. 25). Porém, a “cura” para a “mulher” (v. 29) e a “ressurreição” causada no corpo da “menina” (v. 42) ocorrerão por meio de um encontro pessoal. Para a mulher, oriunda da multidão (v. 27), a causa da cura foi o pensamento permeado de fé: “se eu tocar ao menos as suas vestes, serei salva” (v. 28).

3. O toque nas vestes

À medida em que Jesus avança rumo a “casa” de “Jairo” (v. 24), repentinamente, surge outra urgência: uma “mulher” possuidora de um “fluxo de sangue” que sofria há “doze anos” (v. 25). Antes, porém, da aproximação da imagem proposta no título deste ponto reflexivo – “o toque nas vestes” – faz-se necessário demonstrar ao interlocutor o início deste percurso. Trata-se de um verbo muito importante e que sempre esteve junto a palavra e ao ministério de Jesus, isto é, “ouvir (ἀκούω)” (v. 27).

Além disso, o verbo em questão não alude a uma audição qualquer. Aponta para “ouvir a respeito de Jesus (ἀκούσασα περὶ τοῦ Ἰησοῦ)” (v. 27), eis o diferencial! Por quarenta e quatro vezes a literatura marciana descreve acerca desse verbo: (Mc 2,1.17; 3,8.21; 4,3.9^(2x).12^(2x).15.16.18.20.23^(2x).24.33; 5,27; 6,2.11.14.16.20^(2x).29.55; 7,14.25.37; 8,18; 9,7;

⁶ Ched Myers, em sua obra O Evangelho de São Marcos, p. 248, utiliza o termo “percepção” e constrói, hermeneuticamente, uma perícopa bastante semelhante à nossa, no que se refere a esse eixo temático. MYERS, Ched. O Evangelho de São Marcos. Tradução: I. F. L. Ferreira; revisão: H. Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Coleção Grande Comentário Bíblico).

10,41.47; 11,14.18; 12,28.29.37; 13,7; 14,11.58.64; 15,35; 16,40). De imediato, a cura ocorrerá na vida da referida “mulher”, mas o curioso é que, interiormente, ela já apresenta disposições e características de quem, na vida, é discípulo(a) de Jesus. Inicialmente, ao ouvir acerca dele, sente-se “atraída por ele” (Soares; Correia Junior; Oliva, 2013, p. 199).

Após a atitude inicial de “ouvir a respeito de Jesus” (v. 27), a mulher movida pela força da fé, translada esse comportamento para o campo do desejo: “se eu tocar ao menos as suas vestes, serei salva” (v. 28). De um lado, frisa-se o detalhe narrativo de que a mulher, podendo tocar no “corpo de Jesus”, preferiu “tocar nas suas vestes”, isto é, na “fímbria do manto” (Couto, 2014, p. 216). De outro, é nítido como Marcos enfatiza diversos “níveis de cura”, sobretudo, a “cura física”, cuja sensação é perceptível, tanto na pessoa da mulher, quanto na de Jesus: “e ela percebeu no corpo que estava sanada da moléstia” (v. 29) e “imediatamente Jesus percebeu o poder que tinha saído dele” (v. 30), interpretação comentada também por Myers (1992, p. 249).

Mais ainda: o verbo “tocar (ἅπτω)” traz consigo um paralelo profundo. Em (Mc 5,28), é uma mulher “inominada”⁷, “sem defesa”⁸ e “pobre”⁹, que, dentre a “multidão”, podendo tocar no corpo de Jesus, prefere fazê-lo somente nas suas “vestes”. Em (Jo 20,17), este mesmo verbo é descrito narrando a palavra de Jesus como reação ao comportamento de Maria Madalena: “não me toques (ἅπτω)”¹⁰! Inclusive, na tradição do quarto evangelho é a única vez que este verbo aparece, diversamente da tradição marciana, onde há onze presenças.

Ora, é Jesus que, movido por “compaixão” aproxima-se e “toca” (Mc 1,41; 7,33; 8,22; 10,13). Ora, são os doentes, possuidores de diversas “moléstias” que se precipitavam sobre Jesus, a fim de “tocá-lo” (Mc 3,10), ao menos “na franja” de seu “manto”. E pelo fato de o “tocarem”, eram congratulados com a “salvação” (Mc 6,56).

Ao longo de seu caminho, Jesus de Nazaré tocou em diversas pessoas: “o leproso” (Mc 1,41), “o surdo-gago” (Mc 7,33), “o cego de Betsaida” (Mc 8,22) e “as crianças” (Mc 10,13). Observem que, em todas essas ocasiões a iniciativa fora sempre de Jesus. O mesmo não se pode dizer das quatro ocorrências do verbo “tocar (ἅπτω)” nos vv. 27, 28, 30 e 31. Agora, quem toca nas suas vestes é uma mulher: explorada, marginalizada e impura, fazendo-o atrasar-se e chamando-lhe a atenção (v. 25). E, por isso, Jesus a “reintegrará” do ponto de vista “físico” e “social” (Myers, 1992, p. 250). Futuramente, ao analisar os feitos da Igreja de Jesus, Lucas em Atos dirá que eram levados os “doentes” para as “ruas” e colocados sobre “macas” e “leitos”, para que, quando “Pedro” passasse, ao menos sua “sombra” cobrisse algum deles (At 5,15).

⁷ “Ora, certa mulher que, havia doze anos, sofria de hemorragia” (Mc 5,25). Bíblia Sagrada. 1ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2023.

⁸ “A filhinha de Jairo contava com o pai, que intercedia por ela com insistência diante de Jesus. A mulher, por sua vez, não tinha ninguém que falasse por ela — ela mesma foi ao encontro do Mestre” (cf. Mc 5,23). Cf. Bíblia Sagrada. 1ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2023.

⁹ “A mulher, além de sofrer fisicamente, enfrentava a exclusão social e o esgotamento econômico, pois, como relata o evangelista, “tendo gastado tudo o que possuía” (Mc 5,26)”, continuava sem encontrar cura. Cf. Bíblia Sagrada. 1ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2023.

¹⁰ A Bíblia nos mostra que, ao longo de seu caminho, Jesus encontrou inúmeras mulheres, muitas das quais tinham por nome Maria. Sobre essa temática, desenvolvemos um estudo que pode enriquecer a reflexão do leitor ou da leitora a respeito da presença e do discipulado dessas mulheres no quarto Evangelho. Cf.: DANTAS, J. A. S.; LEITE, Pedro I. As Marias do quarto evangelho: o discipulado vivido no silêncio e ação! Caderno Teológico, Curitiba: PUCPRESS, v. 6, n. 1, jan./jun. 2024.

O “vestuário humano” é interpretado, na tradição judaico-cristã, como tendo suas origens no “senso de pudor” e no “desejo sexual” despertados a partir da narrativa da queda dos primeiros pais (Gn 3,7.21). Essa leitura encontra respaldo em autores como Westermann (1984, p. 260–263) e Von Rad (1990, p. 97–100), que destacam o surgimento das roupas como sinal tanto da perda da inocência quanto da nova condição humana após o pecado. As “vestes” são, portanto, compreendidas não apenas por razões práticas, mas também como expressão de “discrição” e proteção simbólica.

Sintaticamente, o termo “vestes (ἱματίων)”, significando “manto”, “roupa” ou “pano”, aparece doze vezes na narrativa marciana (Mc 2,21; 5,27.28.30; 6,56; 9,3; 10,50; 11,7.8; 13,16; 15,20.24), o que pode indicar idealidade e completude literária. Essa cifra aparece ainda em paralelo com outros elementos: doze é a idade da filha de Jairo (v. 42); doze são os anos de sofrimento da mulher com fluxo de sangue (v. 25); doze, também, é o número de ocorrências do verbo “tocar (ἅπτω)” — onze em Marcos e uma em João. O número doze, além disso, evoca as tribos de Israel e os Doze instituídos por Jesus (Mc 3,13–19). Autores como Jeremias (1971, p. 39–41) e Brown (1994, p. 161–163) sugerem que a repetição dessa cifra no Evangelho de Marcos não é casual, mas reforça simbolicamente a ideia de plenitude e continuidade entre Israel e a comunidade discipular de Jesus.

Impressionante é a delicadeza com a qual a mulher aproxima-se de Jesus. Simultaneamente, a cena é desenvolvida relatando o comportamento de seus personagens: a “multidão (ὄχλος)” seguindo-o, apertava e o comprimia (v. 25), enquanto a mulher, por detrás “tocou o manto (ἱματίου) dele” (v. 27). Gentileza que faltará aos soldados junto a cruz (Mc 15,22). Estes últimos haverão de despi-lo do “manto de púrpura (πορφύρεον)”, em seguida, “vesti-lo com as suas próprias vestes (ἱμάτια)” até a crucificação e, no fim de tudo, “dividirão as suas vestes (ἱμάτια) jogando sorte sobre elas” (Mc 15,20.24).

Junto a literatura bíblica, nessa batalha antropológica de reintegração, a mulher, possuidora de um “fluxo de sangue” desmedido, que a escravizava há “doze anos”, venceu. Sem nome, nem paternidade, ao aproximar-se de Jesus com humildade e fé, foi curada e tratada com dignidade: “minha filha (θυγάτηρ)” (v. 34). Mas “Jairo”, possuidor do maior entre todos os dons, por ser pai de sua “filhinha (θυγάτριον)” (v. 23) – frise-se o claro paralelo gramatical entre “minha filha (θυγάτηρ)” e o seu diminutivo, “filhinha (θυγάτριον)”, também venceu. Sua vitória foi gerada no exato instante em que acreditou e pôde ser tornada visível por meio dos gestos: “ver”, “cair” e “suplicar” (v. 22). Jairo compreendeu que toda a sua riqueza era um nada, diante do filho de Deus. Enfim, a literatura marciana sabe perfeitamente como conduzir seu leitor e o faz, na medida em que coloca frente aos olhos dos interlocutores duas imagens contrastantes: a riqueza e o poder do chefe da Sinagoga, aliados à pobreza e à marginalidade da mulher doente, que acabara de se tornar membra da família de Jesus.

4. O fluxo de sangue

À medida em que a ação narratológica de Mc 5,21-43 avança, o narrador, ciente do atraso de Jesus de Nazaré no seu caminho rumo à casa de Jairo (v. 24), põe-se a revelar detalhes sobre a vida da “mulher”. A doença que lhe fora atribuída – “fluxo de sangue” (v. 25) – era-lhe tão inerente, a ponto de tornar-se um sobrenome seu, era sua identidade. Tanto é que essa personagem ficou conhecida na história como a “hemorroísa” no sentido de

indicar uma “mulher com hemorragia”¹¹. Por três vezes a expressão “fluxo de sangue” aparece nos textos evangélicos, uma vez em Mc 5,25 e duas em Lc 8,43-44. Além disso, também por três vezes aparece o substantivo “sangue (αἷμα)” (Mc 5,24.29; 14,24), sendo duas vezes o “sangue” da mulher e uma vez o “sangue” de Jesus.

De acordo com a legislação do Levítico, a mulher estava “impura” (Lv 15,25) e sobre ela recaía a necessidade de um possível afastamento da comunidade, haja vista que o “fluxo de sangue” lhe era algo contínuo¹². Neste caso, não estaria também Jesus impuro, uma vez que, tanto a mulher quanto tudo o que lhe pertence, bem como tudo o que por ela foi tocado, encontrava-se em estado de impureza (Lv 15,1s)? Essa mesma pergunta vale para o encontro entre “Jesus e o leproso” (Mc 1,41).

Junto às tradições veterotestamentárias, sabe-se que o “sangue” é a vida do ser vivo (Gn 9,4; Dt 12,23). O homem e os animais são constituídos de “carne e sangue” e, por essa razão, é proibido nutrir-se com “sangue” (Lv 17,10). Ora, se o sangue é o princípio da vida, que tem como fonte o próprio Deus, então ela se encontra, exclusivamente, sob a tutela divina. Desde os inícios, a Igreja Apostólica acolheu essa tradição e a mantém rigorosamente viva em sua normativa (At 15,20)¹³. Olhando para o estudo em questão e aproximando as personagens da mulher – chamada por Jesus de “minha filha (θυγάτηρ)” (v. 34) e – da “filhinha (θυγάτριον)” (v. 23) de Jairo – vê-se que há entre elas algo em comum: impureza! Ambas são impuras. A primeira, por causa da doença (v. 25; Lv 15,25), a segunda, devido à morte (v. 35; Lv 11,31). Quanto a Jesus, possuidor de uma consciência cristalina, lugar donde emana força (v. 30), pode ter ficado, aos olhos da lei, impuro, mas, aos olhos do Pai, vivia sua missão — “minha filha, a tua fé te salvou, vai em paz e fica saudável, sem a tua moléstia” (v. 34).

5. O sono da morte

Aparentemente atrasado, mas nunca afastado, o narrador faz Jesus interromper seu discurso, informando a Jairo o ocorrido: “a tua filha morreu” (v. 35). Dito de outro modo, não há nada mais a ser feito. Esgotaram-se as possibilidades humanas. Nesse instante narrativo, de um lado imagina-se a agitação emocional, de outro a serenidade de Jesus: “não temas! Apenas crê” (v. 36).

O verbo “morrer (ἀποθνήσκω)” possui oito presenças na literatura marcialina (Mc 5,35.39; 9,26; 12,19.20.21.22; 15,44). Além dos dois usos descritos em nosso texto (vv. 35.39), este verbo em Mc 9,26 descreve a situação do “corpo” do “menino” que estava possuído por um “espírito” “mudo” e “surdo”. Ou seja, estava como “morto (ἀποθνήσκω)”. Em seguida, por quatro vezes a tradição marcialina empregará o verbo “morrer (ἀποθνήσκει)” (Mc 12,19.20.21.22) a fim de combater a conhecida controvérsia dos “saduceus”, por não crerem na “ressurreição”, crida e ensinada por Jesus. E, por fim, em Mc 15,44 para ilustrar a situação

¹¹ Diversas traduções católicas da Sagrada Escritura adotam essa terminologia. É o caso da edição da Paulinas (p. 1605), da Bíblia de Jerusalém (p. 1766), da Bíblia Sagrada – tradução oficial da CNBB (p. 1397), da Bíblia TEB (p. 1425), bem como da obra Evangelhos e Atos dos Apóstolos: novíssima tradução dos originais (p. 86).

¹² A Bíblia também conhece a expressão “noivo de sangue”, cuja ocorrência está em Êxodo 4,24–26. Sobre essa temática, ver o estudo: GRENZER, Matthias; SUZUKI, Francisca C. C. Em defesa de seu esposo: o protagonismo de Séfora em Ex 4,24–26. **Theologica Xaveriana**, v. 69, n. 187, 2019. Disponível em: [https://revistas.javeriana.edu.co/files-articulos/TX/69-187%20\(2019-I\)/191057976007/](https://revistas.javeriana.edu.co/files-articulos/TX/69-187%20(2019-I)/191057976007/). Acesso em: 01/05/25.

¹³ Para um maior aprofundamento sobre esse tema, ver: McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1984, p. 772.

do corpo “morto (ἀπέθανεν)” de “Jesus” na cruz, cujo traslado somente podia ser feito com a autorização de “Pilatos”.

A calma exercida pela pessoa de Jesus, de um lado, viera da certeza de que a morte é apenas um “sono”¹⁴ e, de outro, de sua experiência tão vívida, nos idos de seu ministério público. Para Jesus, de fato, a “criança (παιδίον)” não morreu, mas “dorme (καθεύδω)” (v. 39). Ora, se oito foram as presenças do verbo “morrer (ἀποθνήσκω)”, também são oito os usos do verbo “dormir (καθεύδω)” (Mc 4,27.38; 5,39; 13,36; 14,37^(2x).40.41). Marcos apresenta algumas personagens dormindo: “o semeador” (Mc 4,27); “os servos” (Mc 13,36); “Pedro”^(2x), Tiago e João” (Mc 14,37.40.41) e, certa vez, até “Jesus” (Mc 4,38).

Em seguida, Jesus encontra-se junto ao corpo da “criança” e ao seu lado encontram-se poucos convidados: “Pedro, Tiago, João, o pai e a mãe” dela (v. 40). Como ponto de virada na narrativa, há uma zombaria exercida, quer por parte da multidão, quer do grupo familiar (v. 40), por não acreditarem na palavra de Jesus de que a criança apenas dormia. E será aí, na “intimidade” e no “segredo”, que a força da vida se sobreporá ao vale da morte. Enfim, tocando-a, prevalece o contato físico do corpo de Jesus com o corpo morto da criança, inaugurando o seu projeto salvífico: “eu vim para que tenham vida e tenham em sobra” (Jo 10,10). Os que antes choravam, tornaram-se zombadores e ficaram de fora, pois foram “expulsos” (v. 40) da casa e privados de participar da vida que ali renascia. Porquanto os que entraram com Jesus e acreditaram na sua Palavra, puderam celebrar a vida (Soares; Correia Júnior; Oliva, 2013, p. 202). A vida desabrochou junto a um número muito simbólico para a literatura bíblica: sete. Antes, a casa estava cheia, tomada pelo tumulto, agora, nela se encontram apenas sete pessoas: Jesus, Pedro, Tiago, João, o pai, a mãe e a criança. Como observa Couto (2014, p. 217), trata-se de uma imagem teológico-simbólica.

6. O poder da alimentação

Após “tocar na mão da criança” e mandá-la “erguer-se” (v. 41), Marcos, mais uma vez, surpreende seu interlocutor ao conduzir com maestria o clímax dessa narratologia: “ele ordenou-lhe muito que ninguém tomasse conhecimento e disse que fosse dado de comer a ela” (v. 43). Além de pedir silêncio sobre o fato ocorrido, Jesus acredita na alimentação como suporte para a sobrevivência humana. O alimento é dom de Deus, à medida em que se apresenta como continuador da vida. O alimento é saúde¹⁵. O verbo “comer (φαγεῖν)” aparece vinte e sete vezes no evangelho de Marcos, noventa e nove vezes nos quatro evangelhos e cento e cinquenta e oito vezes em todo o Novo Testamento.

Trata-se, portanto, de uma realidade temática ampla e simbólica. Dentre os paralelos possíveis, destaca-se este: em Mc 5,34, Jesus chama a mulher de “minha filha”, devolvendo-lhe a saúde integral e inserindo-a no círculo de sua família, o discipulado. Quem congrega essa família é convidado a partilhar o alimento da vida. Em Mc 5,41, Jesus convida a

¹⁴ Entre os primeiros cristãos, era comum referir-se à morte como um “sono”. Essa concepção é bem ilustrada em passagens como 1Ts 4,13–15; 1Cor 11,30; 15,6.20 e Mt 27,52. A obra de D. António Couto foi fundamental para o levantamento e a reflexão dessas períopes bíblicas. Cf.: COUTO, D. António. **Quando Ele nos abre as Escrituras**: domingo após domingo – uma leitura bíblica do lecionário. Ano B. Fátima: Paulus – Portugal, 2014, p. 217.

¹⁵ Há um estudo escrito a quatro mãos em que os autores exploram, a partir do quarto Evangelho, a temática do pão como símbolo teológico e existencial. A leitura, sem dúvida, será espiritualmente e intelectualmente nutritiva. Cf.: DANTAS, José Ancelmo S.; SILVA, Diego dos Santos. Vinte e quatro pães (Jo 6,35). **Revista Teológica Doxia**, Serra, v. 10 n. 14, 2025. P.153.

“filhinha” de Jairo a “erguer-se” e, em seguida, a alimentar-se (v. 43) — alimento entendido como energia para o corpo.

Na tradição teológica cristã, essa associação se amplia: em Jo 21,5, o Ressuscitado, voltando à Galileia, onde tudo começou, aparece aos seus e lhes pergunta: “Filhos, acaso tendes algo para comer?”. Sugere-se assim que, se no plano humano a vida depende da alimentação, no plano sacramental e espiritual a ceia eucarística se torna necessária (cf. Lc 24,36–43). Trata-se, portanto, de uma construção teológica que vê, nesses relatos, uma antecipação simbólica da Eucaristia como alimento de vida.

Enfim, a “filhinha” de Jairo morreu (v. 23), mas quando isto lhe ocorreu, imagina-se que o processo tenha sido vivido com dignidade. No momento certo, todos morrerão (Jo 21,23), eis uma certeza natural. A morte tornou-se parte constitutiva da vida. Paulo acredita que todos serão “transformados”, isto é, em um instante, como um “piscar de olhos, o que é “corrupto” será revestido em “incorruptibilidade” e quando isso acontecer, a morte, será “tragada” pela “vitória” (1Cor 15,52–55). Por ora, essa vitória se deu plenamente no corpo do Filho de Deus, agora glorificado e ressuscitado.

Considerações finais

As histórias de Jesus de Nazaré contadas nos evangelhos continuam a tocar profundamente quem se dispõe a escutá-las com atenção. E isso se torna ainda mais evidente quando nos aproximamos da tradição marcialana. A narrativa de Mc 5,21–43, escrita originalmente em grego com cerca de 362 palavras, apresenta uma riqueza de detalhes que impressiona: verbos fortes, nomes, ações e emoções se entrelaçam para revelar algo maior — a vida que insiste em nascer onde já se esperava o fim.

O que mais chama a atenção nesse texto é o modo como Jesus se movimenta: ele atravessa margens (v. 21), caminha com pressa (v. 24), sente que algo saiu de si (v. 30), olha com intenção (v. 32), silencia-se diante do medo (v. 36), e até expulsa quem não consegue acreditar (v. 40). Em nenhum momento recebe títulos como “Senhor” ou “Filho de Deus”; apenas é chamado de “mestre” (διδάσκαλος) (v. 35), justamente quando a morte parece impor seu limite. É nesse instante que a verdadeira autoridade de Jesus se revela: não aquela que vem de cargos ou funções, mas a que nasce da escuta, da compaixão e do encontro.

Diante da mulher enferma e da menina já sem vida, Jesus age sempre com o mesmo cuidado: restaurar o valor da vida humana — especialmente a dignidade da mulher, tantas vezes esquecida e silenciada. Uma, ele encontra no meio da multidão; a outra, visita em casa. Ambas estavam distantes da plenitude, e ambas foram alcançadas. A primeira, há doze anos sofrendo; a segunda, com apenas doze anos de vida. Duas histórias atravessadas por limites, curadas pela presença de alguém que vê além das aparências.

O que a medicina não conseguiu resolver, o encontro com Jesus tornou possível. O gesto final de dar de comer à menina (v. 43) mostra que, para Jesus, não basta voltar à vida: é preciso sustentá-la. O alimento, dom de Deus, é sinal de cuidado, de continuidade e de pertença. E isso vale também para nós hoje.

A força desse texto atravessa o tempo e nos alcança com perguntas essenciais: como temos acolhido a dor alheia? Que espaços damos para que mulheres — como as do Evangelho — sejam vistas, escutadas e curadas? Restaurar a dignidade da mulher é também restaurar a própria humanidade da Igreja, como lembra o Papa Francisco (Francisco, 2024).

Referências

A Bíblia. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

Bíblia de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia sagrada. Tradução oficial da CNBB. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2023.

Bíblia teb: Tradução Ecumênica da Bíblia. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

BROWN, Raymond E. **The Death of the Messiah: From Gethsemane to the Grave.** A Commentary on the Passion Narratives in the Four Gospels. 2 vols. New York: Doubleday, 1994.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento.** Tradução: Ilson Kayser. São Leopoldo: Editora Teológica, 2021.

COUTO, D. António. **Quando Ele nos abre as Escrituras:** domingo após domingo – uma leitura bíblica do lecionário. Ano B. Fátima: Paulus – Portugal, 2014.

DANTAS, J. A. S.; LEITE, Pedro I. As Marias do quarto evangelho: o discipulado vivido no silêncio e ação! **Caderno Teológico**, Curitiba: PUCPRESS, v. 6, n. 1, jan./jun. 2024.

DANTAS, José Ancelmo S.; SILVA, Diego dos Santos. Vinte e quatro pães (Jo 6,35). **Revista Teológica Doxia**. Serra, v. 10 n. 14, 2025.

Evangelhos e Atos dos Apóstolos: novíssima tradução dos originais. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

FRANCISCO. Papa Francisco fala sobre a dignidade da mulher. Instagram, 2024. Disponível em:

<https://www.instagram.com/reel/DGJPBBzS5ll/?igsh=OHJwNGl5bmtoOXF6>. Acesso em: 30 abr. 2025.

GRENZER, Matthias; GRENZER, Francisca. Perfumes e aromas na Bíblia: uma abordagem teológica e histórico-cultural. **Paralellus**, Recife: UNICAP, v. 13, n. 26, jul./dez. 2022. Disponível em:

<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/1123>. Acesso em: 01/05/25.

GRENZER, Matthias; SUZUKI, Francisca C. C. Em defesa de seu esposo: o protagonismo de Séfora em Ex 4,24–26. **Theologica Xaveriana**, Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana, v. 69, n. 187, 2019. Disponível em: [https://revistas.javeriana.edu.co/files-articulos/TX/69-187%20\(2019-I\)/191057976007/](https://revistas.javeriana.edu.co/files-articulos/TX/69-187%20(2019-I)/191057976007/). Acesso em: 01/05/25.

GUIJARRO OPORTO, Santiago. **Los cuatro evangelios.** Salamanca: Ediciones Sígueme, 2012.

JEREMIAS, Joachim. **Jerusalem in the Time of Jesus: An Investigation into Economic and Social Conditions during the New Testament Period.** Philadelphia: Fortress Press, 1971.

McKENZIE, John L. **Dicionário bíblico.** São Paulo: Paulus, 1984.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos**. Tradução: I. F. L. Ferreira; revisão: H. Dalbosco. São Paulo: Edições Paulinas, 1992. (Coleção Grande Comentário Bíblico).

SOARES, Sebastião Armando Gameleira; CORREIA JUNIOR, João Luiz; OLIVA, José Raimundo. **Comentário bíblico latino-americano: Novo Testamento – Marcos**. São Paulo: Editorial Fontes, 2013.

VÁRIOS AUTORES. **Evangelhos e Atos dos Apóstolos**: novíssima tradução dos originais. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

VON RAD, Gerhard. **Genesis: A Commentary**. Rev. ed. Translated by John H. Marks. Philadelphia: Westminster Press, 1990.

WESTERMANN, Claus. **Genesis 1–11: A Commentary**. Translated by John J. Scullion. Minneapolis: Augsburg, 1984.

Recebido em: 04/05/2025

Aceito em: 21/09/2025